

SÍNTESE SOBRE O 3º CONGRESSO MISSIONÁRIO NACIONAL

Ir. Leocádia Mezzomo, mscs

Aconteceu de 12 a 15 de julho o 3º Congresso Missionário Nacional, na cidade de Palmas, capital de Tocantins. Eu tive a alegria de participar - com os mais de 600 representantes das várias regionais do Brasil - representando a CRB do regional de Brasília. Segue uma síntese dos temas centrais abordados durante o Congresso.

1. “O mundo secular e pluricultural no qual nos cabe ser discípulos missionários”. Reflexão feita por Irmão Nery, fsc.

Ser discípulos missionários numa realidade secular e pluricultural é desafio e graça que cabe aos mais de 2 bilhões de batizados que são chamados a anunciar Jesus Cristo com a vida e a palavra “nos areópagos hodiernos” como disse o Papa Bento XVI, seja aqui no Brasil, como além fronteira. É um desafio, pois somos filhos desta cultura hedonista, mas por outro lado queremos remarcar que se pode perceber uma discreta *estima pelos valores fundamentais da pessoa enraizados no humanum, há também*, uma busca, muitas vezes implícita, de Deus que se manifesta de diversas formas com o intuito de um encontro/contato com o mistério, com o transcendente, em suma, com Deus.

Disse Irmão Nery que urge tomar mais consciência da riqueza do pluralismo cultural, filosófico, religioso para “alargar a tenda do coração” (cf. Is 54) e saber conviver partilhando dons, recebendo partilhas.

O relacionamento fraterno com toda a família humana tem suas raízes na riqueza plural da Trindade: “nosso Deus é riqueza de diversidades e abismo de unidade”.

Todo verdadeiro discípulo missionário é desejoso de crescer na capacidade de manter relações enriquecedoras com outras culturas e viver um crescente ecumenismo com as religiões cristãs, sem perder de vista o diálogo inter-religioso e pluricultural.

2. “Discipulado missionário do Brasil para o mundo à luz do Vaticano II e do Magistério latino-americano”, elucidado pelo teólogo Paulo Suess.

Discípulo é aquele que se sabe amado de Deus, aquele que aprendeu de Jesus, pois: “O discípulo bem formado será como o Mestre” (Lc 6,40). Esta aprendizagem se faz de duas formas: com uma relação de proximidade com o Senhor, que é bom Pastor, Luz, Pão da vida, caminho, verdade, vida plena e muito mais, com o convite a “permanecer sempre arraigados em Cristo” (cf. Jo 15); e por outro lado, o discípulo aprende da experiência que vai acumulando no processo histórico da vida que se manifesta no amor ao próximo, próprio do peregrinar missionário.

Lembrou-nos Suess que “Discipulado/missão são duas faces da mesma moeda”, como diz o Documento de Aparecida n.146. É preciso atenção para não quebrar este binômio na vida cotidiana.

Acrescentou que o Concílio Vaticano II teve grandes intuições, mas nem todas, ainda, ‘tomaram carne’. Convém lembrar alguns princípios apontados em relação à Igreja: sua natureza missionária; a centralidade da Palavra de Deus e do Reino; a Igreja Povo de Deus; a necessária opção pelos pobres; a salvação universal; a liberdade religiosa; o diálogo ecumênico, intercultural e inter-religioso, entre outros.

Afirmou, ainda, que a Igreja do Brasil está tomando mais consciência da necessidade de “conversão pastoral: do Brasil para o mundo”. É bom estarmos cientes que há um receber e enviar missionários. Urge uma ética missionária, que junto ao necessário zelo

apostólico, esteja o respeito pela liberdade religiosa do outro; que sempre de novo precisa estar atenta ao clamor dos pequenos; consciente que “joio e trigo crescem juntos”; faz-se necessário um esforço de inculturação e uma profecia capaz de assumir posturas evangélicas na contramão da cultura hegemônica, etc.

Mas o discípulo missionário não se contenta em lamentar o que ainda está lento no processo de “fazei meus discípulos todos os povos”, mas cheio de uma esperança dinâmica vai concretizando seu missionar confiante naquele que disse: “Eu estarei convosco até o fim dos tempos” (Mt 28,20), incrementando o esvaziamento de si para uma doação amorosa, sempre mais plena, à exemplo de Jesus, o Missionário do Pai.

3. Uma terceira parte versou sobre “Discípulos missionários e missionárias *ad gentes*: do Brasil para o mundo”.

A vontade do Pai, expressa no último encontro do ressuscitados com os discípulos é claríssima: “Ide, portanto, e fazei discípulos todos os povos” (Mt 28,19). Ele envia seus irmãos a todos os povos, ou seja, *ad gentes*, *aos que ainda não se encontram entre nós*. Excluir o *ad gentes* do nosso horizonte eclesial, e mesmo das Congregações religiosas, seria uma forma de trair o envio missionário feito pelo próprio Jesus Ressuscitado. A missão a todos os povos une os discípulos, alimenta o entusiasmo, dinamiza os dons recebidos, e faz acontecer o Reino de Deus, pois ser Igreja é ser missão, o que exige: conversão missionária da Igreja; conversão das pessoas, isto é, sair de nós mesmos, da nossa cultura, do nosso pequeno mundo com gratuidade; conversão das práticas pastorais, não limitar-se a “uma pastoral de manutenção”; saída das fronteiras, ou seja, abertura à missão universal. Tudo isto porque a universalidade missionária não é uma tarefa, mas a dimensão essencial da Igreja de Jesus Cristo. “A Igreja peregrina é por sua natureza missionária” (AG,2), portanto, descuidar a missão *ad gentes* é acabar com a graça da missão, é trair o envio de Jesus feito aos apóstolos e perpetuado pelo batismo em cada um dos cristãos!

Para comprovar esta vitalidade da Igreja do Brasil foram apresentadas diversas experiências da ação missionária além fronteiras. Todos nos enriquecemos com a vivência, o estudo e as partilhas feitas.

